

Educação e Matemática



n° 53
Maio/Junho
de 1999

EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Director
Ana Vieira

Redacção
Adelina Precatado
Ana Maria Boavida
Ana Paula Canavarro
Conceição Rodrigues
Fátima Guimarães
Fernanda Percz
Helena Amaral
Helena Fonseca
Helena Rocha
Henrique M. Guimarães
Lina Brunheira
Maria José Boia
Paula Espinha
Paulo Abrantes

Colaboradores permanentes
A. J. Franco de Oliveira

Matemática

Eduardo Veloso
"Tecnologias na Educação Matemática"

José Paulo Viana
"O problema deste número"

Lurdes Serrazina
A matemática nos primeiros anos

Maria José Costa
História e Ensino da Matemática

Rui Canário
Educação

Entidade Proprietária
Associação de Professores
de Matemática

Tiragem
4200 exemplares
Periodicidade
Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,
Set/Out, Nov/Dez
Montagem, fotolito e impressão
Costa e Valério
N° de Registo: 112807
N° de Depósito Legal: 91158/95

Haverá ainda mais alguma coisa para mudar?...

Cecília Monteiro

A mim foi um professor de Matemática que me estragou a infância... A Matemática, em vez de dar ordem e harmonia à minha pequena alma dócil, enegrecia-a de raiva e de indisciplina sem aurora. Vivía aflito, humilhado, com uma pedra no peito.

José Gomes Ferreira

Em Abril de 1974, estava eu, e como eu muitos outros professores, a ensinar aos meninos e meninas de 11 anos a resolver equações do tipo $a+x=b$, $a-x=b$, $x+a=b$ e outras tantas do mesmo tipo onde intervinham a multiplicação e a divisão. Eram seis infernos para eles e para mim uma angústia. Procurava situações que servissem aqueles modelos, que motivassem, mas a ênfase era em última instância na técnica. Alguns alunos "aprendiam" durante o tempo necessário para responderem certo nos testes, outros não. A estes, que iam acumulando assim insucessos, acontecia, provavelmente, interiorizar mais um pouco a ideia de que, ou eram estúpidos ou então não tinham "queda" para a Matemática.

De então para cá, muita coisa aconteceu que todos nós, que lemos esta revista, vivemos directamente ou aprendemos através de outros. Os programas mudaram, novas ideias foram passando. É já fácil, hoje, encontrarmos alunos de olhos a brilhar numa aula de Matemática, sem medo de arriscarem uma resposta, ousando dar a sua opinião, fazendo perguntas...

Então, será que já não há mais nada para mudar? Bastará esperar que mudem todos aqueles que ainda continuam a provocar humilhações nos alunos ou então se reformem os mais velhos?

Esta pergunta pressupõe que se saiba realmente para onde se quer ir, o que talvez nem sempre seja o caso. Que sabemos nós do mundo daqui a 25 anos? Será que não será necessário ir mudando sempre? Será que se pode parar e dizer, "Já está"!?

Os materiais, as calculadoras, a resolução de problemas, a argumentação já provaram ter efeitos positivos nas aprendizagens e no gosto dos alunos pela Matemática; mas é forçoso ir mais longe. Manipulam-se materiais, e depois, como se faz a passagem do concreto para o formal e o abstracto? Quantas vezes a prática e a experimentação não aparece ainda desligada dos algoritmos e das regras, que se ensinam um pouco como antigamente?

E o que dizer da avaliação dos alunos, a parte curricular mais atrasada, deixada para trás pelos próprios professores, que inovam as estratégias mas por vezes continuam a avaliar com dois testes em cada um dos três trimestres do ano?

Estes são dois exemplos, muito temos que fazer ainda. Pela minha parte, cada ano que passa, olho para a frente e vejo um mundo de coisas a melhorar, a alterar... Provavelmente, o que de melhor aprendi com todos aqueles que me influenciaram na minha formação foi esta inquietação permanente, o não me satisfazer com frases feitas, o olhar para os alunos como gente importante.

Como diz Salman Rushdie, "o mundo não é cíclico, não é eterno nem imutável, mas está em constante transformação, sem voltar atrás, e nós podemos ajudar nessa transformação". Pois é, apesar do movimento pendular que reconhecemos haver na Educação (e já há indícios, na Educação Matemática que o pêndulo está a mudar de sentido), nada será igual, nunca mais voltaremos aos tempos em que a Matemática era mais uma arma para atrofiar e meter medo.

Cecília Monteiro, ESE de Lisboa